

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Cesar Cui — Considerações sobre a musica — Notas vagas — D. Armanda Dabini — Vianna da Motta e Moreira de Sá — Chronica Portuense — Um pensamento sympathico — Noticiario — Bibliographia.

CESAR CUI

Comquanto considerado entre os chefes da chamada escola russa, este notavel compositor slavo não é propriamente um profissional. A sua posição official é a de major general e professor de fortificações nas tres academias militares de S. Petersburgo (academia do estado-maior, de engenharia e de artilharia); além d'isso é auctor de um Tratado de fortificação dos campos, uma das obras mais estimadas na sua especialidade.

Cesar Antonowitsch Cui nasceu em Vilna, cidade da Lithuania, a 6 de janeiro de 1835. Sendo destinado pela familia aos estudos militares, o seu gosto pela musica levou-o desde tenra idade a alternar esses estudos com os de piano e composição. Ao passo que adquiria nome e boa posição como mathematico, affirmava as suas boas tendencias de compositor, fazendo publicar romanças e outros pequenos trechos. Enthusiasta pela arte e amando ardentemente o seu paiz, constituiu se um dos fundadores da musica nacional russa. Elle mesmo conta a iniciação d'essa patriótica idéa no trabalho que publicou sobre a «Musica na Russia».

«Em 1840» diz Cesar Cui, «encontraram-

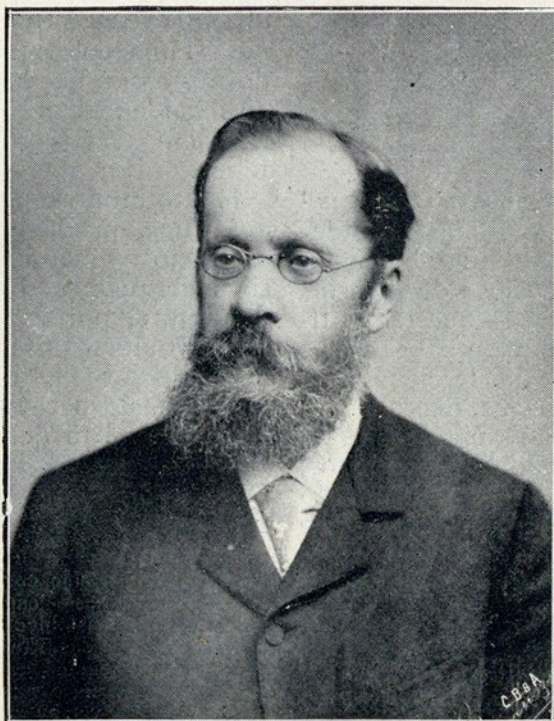
se em S. Petersburgo dois musicos muito jovens e apaixonados pela sua arte. A capital da Russia é o principal foco musical e intellectual do paiz e por isso elles resolveram fixar ali residencia. Um era Balakirew, outro o auctor d'estas paginas. Algum tempo depois juntaram-se-lhes Rimsky-Korsakow, Borodine e Moussorgsky, e pouco a

pouco reuniu-se um pequeno circulo de amigos devotados á arte musical.

Que interessantes e instructivas palestras constituiram o objectivo das suas reuniões! Passava-se em revista conscienciosamente quasi toda a litteratura musical existente. A critica funcionava activamente; discutia-se sobre esthetica, as diferentes maneiras de cada um ver e sentir entrecruzavam-se, as conferencias alimentavam-se de vivas analyses, planos diversos, mil cousas, emfim, que activam o pensamento, amadurecem e desenvolvem o gosto, con-

servando sempre vivo o senso artistico.

Foi assim que este pequeno cenaculo acabou por adquirir convicções profundas creando um *criterium* applicavel a numerosas questões artisticas e muito frequentemente em opposição com as idéas correntes da imprensa e do publico. O ideal comum aos membros d'esta pequena confraria — resalvando as aptidões e natureza musical de cada um — começou em breve a desenvolver-se nitidamente, e a fixar-se nas obras apresentadas.»



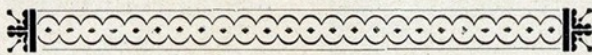
Um dos principios que a nova escola russa tomou a peito tornar evidente foi este: *A musica dramatica deve sempre ter valor intrinseco como musica absoluta, abstracção feita do texto.*

Principio são e conservador da boa arte, que alguns compositores ultra-modernos desprezam por seu mal.

Cesar Cui, que vive actualmente em Paris, onde é muito estimado pelas suas qualidades de homem da melhor sociedade, tem escripto as seguintes operas todas cantadas em S. Petersburgo:

«William Ratcliff», cantada em 26 de fevereiro de 1869; «O prisioneiro do Caucaso», 1873; «Angelo» 13 de fevereiro de 1876; «O filho do Mandarim», 19 de dezembro de 1878; «O Flibusteiro»; Sarazin», 10 de novembro de 1899.

É tambem auctor de varias obras symphonicas, mais de um cento de melodias para canto, numerosas composições para piano, para violino e piano, doze côros orpheonicos, etc.



Considerações sobre a musica

Do jornal inglez *Theosophical Review*¹ extrahimos as seguintes assisadas considerações que offerecemos ao leitor benevolo se bem pouco ou nada curioso de theorias como estas — theosophicas — que tão antigas e no emtanto tão geralmente desconhecidas e desatendidas são... infelizmente! Apezar de que, graças a Deus, não nos fraqueja a esperança, ainda assim, de que no nosso triste e depauperado meio, espiritos, alguns raros espiritos, se nos deparem não de todo hostis e alheios a certa ordem de estudos como os que nos occupam: razão que nos leva a consignar aqui se bem muito ao de leve umas geraes considerações sobre o assumpto.

Affastam se bem sei, e por completo da banalidade e tradicional apathia inherentes hoje em dia a todas as manifestações da nossa vida intima e social e no emtanto parece-me... mas não! impõe-se-me a tarefa de vulgarisação de estas doutrinas como, sendo de urgência absoluta e immediata. Quanto até este nosso seculo xx, de Rousseau, diremos, a Tolstoi, o mundo, o velho mundo tem andado! Wagner falou... falou Beethoven: este ligado a Platon, aquelle indo buscar atravez Shopenhauer

(e antes de Blavatstry¹) á velha Europa exausta e inconscientemente amortalhada quasi em certas aridas formulas de velhos preconceitos e orthodoxias, esse raio de — Ideal — ás fontes do passado trazendo-nos de lá o meigo — Parsifal —². E o horisonte de toldado que era esclareceu-se, e novamente é-nos dado dizer com o perfeito crente que se chamou Tennyson: «to goon and not to die»: (avante sempre e morrer nunca!) que hoje em dia e, apezar de tudo, não nos é já dado desespear!

Citemos:

«Tem-se tornado talvez erro commum entre os Theosophos descuurarem mais ou menos o lado artistico da propria natureza apreciando, como fazem, os ensinamentos da «*Sabedoria antiga*», consideram-os quasi sempre no emtanto atravez apenas da litteratura nacional ou estranha o que os leva a systematicamente pôr de parte a Musica, a Pintura e a Poesia. Ora parece-me tudo isto um não pequeno erro, já que as faculdades artisticas pertencem á parte superior do nosso ser e que tendem todas a elevar-nos acima das mesquinhas diarias dando-nos assim um pallido reflexo e antegoso da felicidade suprema: apanagio e caracteristica das mais elevadas regiões da Existencia universal.

E isto muito especialmente com respeito á musica, já que a musica para nós exprime tudo o que difficilmente nos seria possivel de qualquer outro modo communicar. A pintura, por exemplo, dá-nos a delineação de objectos naturaes e com quanto seja dever do verdadeiro artista revelar-nos uma parcella—do maravilhoso e mysterioso mundo — que alem delles se estende³ e que os

¹ Helena Petrowa Blavatstry, senhora russa, fundava em 1875 em Nova York de collaboração com o coronel inglez Henry Steele Olcott a — Sociedade Theosophica — a qual hoje conta para cima de *quinhentas* ramificações — lojas — espalhadas pelo mundo inteiro, sendo um dos tres objectivos da mesma sociedade «promover o estudo das litteraturas, philosophias, religiões e sciencias orientaes e tornar universalmente conhecidas a importancia e necessidade d'esses estudos.» Falleceu M.^{me} Blavatsky em maio de 1891, em Londres, deixando entre varios importantes escriptos a sua celebre obra — *A Doutrina Secreta* — traducção commentada e explicativa de diversas — stanzas — de um dos mais sagrados e valiosos documentos hindus o «*Livro de Dzyan*» — originalmente escripto em caracteres — sensor — e que na sua qualidade de discipula em um santuario do Thibet onde por largos annos vivera, fôra-lhe excepcionalmente concedido compulsar, e mais tarde verter para o inglez.

² Lêr o lucidissimo opusculo de Vianna da Motta, intitulado — *Parsifal* — (em allemão) casa Mierenheim á Bayerlein: Bayreuth.

³ Como nas obras dos modernos Preraphaelitas inglezes — Gabriel Rossetti, Madox Brown, Millais e Holman Hunt... nas do adoravel Puvis de Chavannes, do genial Carrière, Gustave Moreau e poucos outros... (vêr do grande Rustrin o livro: «*Modern painters*»).

¹ Vol. 26 (15 de abril 1900): «*Theosophical publishing Society*». 3 — Langham Place, Londres. W.

nossos olhos demasiados turvos não saberiam por si só entrever ainda assim o material de que se serve o artista muito longe se encontra de poder plenamente manifestar o Ideal supremo que o absorve e inspira, não falando, já se vê, nas dificuldades inherentes que a quasi todos tornam inacessíveis a comprehensão absoluta das verdadeiras e genuinas obras d'arte, não obstante ás vezes o estudo o mais metucioso e pertinaz.

A poesia fornece-nos por meio de expressão, particularmente rica e variada, o segredo o qual se nos torna porem um pouco difficil desvendar. Para a belleza d'um poema contribue por exemplo, muito mais a lei do rhythmico que as mais bem combinadas rimas² e d'ahi o facto de serem quasi sempre em verso livre a maioria das nossas melhores poesias. . . E tanto, que se nos torna facilimo differenciar de chofre o verso livre de Shakspeare ou Milton, Byron ou Helley e de qualquer outro poeta inferior. E esta intuitiva comprehensão da lei do rythmo é de certo inherente á propria natureza intima do poeta e muito provavelmente indica a relação mais ou menos inconsciente em que elle se encontra para com a — Suprema lei do Rythmo — que governa a toda a criação. D'ahi a faculdade que lhe permite fazer-nos entrever pelo seu verso *a alma* do logar da scena que se propõe mostrar-nos, sentir a belleza das idéas que apresenta, e entrever em parte, finalmente, uma parcella da união com o supremo Ser que em si proprio intuitivamente reconhece. Pois que é a Poesia eminentemente adequada á expressão directa dos mais altos conceitos, das mais puras bellezas, dos maiores amores e que justamente a prosa dos nossos melhores mestres ou tratarem de assumptos semelhantes, por vezes toma uma cadencia rhythmica que muito faz lembrar a melodia de certos versos livres.

Trad. de L. DE T.

(Continúa).

² «*De la musique encore et toujours*
que ton vers soit la chose envolée
qu'on sent qui fuit d'une âme en-allée
vers d'autres cieus à d'autres amours. . . »

recommandou Verlaine. . .

(Trad.)



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XL

De Lisboa

Com estes subterraneos rumores que trazem o mundo entre desquiciado e somnambulo, não sei bem, querida amiga, se ainda terá paciência para ler-me, visto como, as poucas horas que lhe sobejem d'estas meditações tremendas ou d'esse illuminismo estranho, as precisa, com sobeja rasão, para distrahir o espirito e para aquietar os nervos. . .

Mas que quer? De nenhum assumpto sei que podesse agora fixar dentro dos limites d'esta carta, e uns por demasiado extensos, outros por em extremo perigosos todos sahem naturalmente para fóra da minha objectiva.

Restar-me-hia falar-lhe de algum livro que em verdade o merecesse, mas ao meu conhecimento apenas chegou o que a nossa grande e gloriosa escriptora a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho publicou, ha já alguns mezes *Figuras de hontem e de hoje*, que V. Ex.^a primeiro que eu, deliciada saboreou, pelo que nenhuma novidade lhe daria, citando-o como sendo mais um d'esses formosos escriptos de joalharia preciosa e linda com que ella de quando em quando nos regala. . .

Assim, não lhe podendo trazer impressões de leituras novas, nem havendo tido a fortuna rara de as effectuar antigas, porque a isso, os Fados se oppozeram; não tendo ido ás exposições do Porto ou de Coimbra das quaes então me seria facil discretear, e encontrando-se ao presente a capital n'aquella apathia modorrenta e densa em que por este tempo todos os annos invariavelmente mergulha, aquillo para que em consciencia me cumpriria appellar, seria para um discreto e modelar silencio; sómente, porque o não confessarei? gosto de tagarellar comsigo, mesmo sem ter nada que dizer-lhe, e d'ahi a rasão d'estas linhas. . .

Uma voz intima me segreda que deveria n'esse caso aproveitar o ensejo para agitar algum d'aquelles transcendentos problemas que tantas vezes me namoram embora tão pouco me prendam; — mas — oh! os secantes *mas* — mas tenho medo de que me não tome a serio, alem de que perto de mim alguns visinhos vivem que poderiam achar

deslocadas ou o que é peor, pretenciosas, catecheses de sociologia ou apophtegmas de moral n'uma ligeira carta d'impressões...

Imagine porém que n'esse campo é que me sobrava materia para mais de uma epistola, não então a V. Ex.^a, que pela sua superior cultura mais no caso está de elucidar-me do que ser elucidada, mas a varios e phesios e corinthios que embora não sendo barbaros, todavia o parecem em determinadas coisas...

Assim, calcule que n'este proprio instante me salta aos olhos este profundo e cruel conceito de um pensador illustre:

«Conviria meditar n'isto: que uma causa da extincção dos individuos ou das raças, traduzindo-se em caracteres pathologicos, é a ignorancia; a outra é a miseria, representando esta o papel de traumatismos aquella o de infecções.»

Applicando, o que deveriamos nós concluir boa amiga?

Que uma formosa mas malaventurada nação que todos conhecemos, e á qual gostaríamos de poder dar o melhor do nosso esforço e toda a nossa confraternidade e sympathia, apparece a um tempo, depois de quasi setenta annos de pretendida educação liberal, inverosimilmente ignorante, e descaravelmente miseravel, sem luz no cerebro e sem pão no estomago!

E outrosim concluiríamos que essa nação, da qual um critico afamado e temido escreveu algures que era uma leva de 4 milhões de egoismos explorando-se mutuamente, vendo-se, n'esta hora alta da civilisação, sem energias para a lucta e sem instrumentos para o trabalho, começa a desandar medonhamente, revestindo por vezes um aspecto de regressão collectiva, digno de estudo especial e susceptivel de apprehensões serias...

Vae lembrar-me, adivinho, a minha doutrina dos *nucleos*, que á maneira de *leitmotiv* de onde em onde transparece em meio dos meus peiores momentos de desanimo, e Deus me livre de esquecer-a e de n'ella deixar de crer, que pela minha parte soffregamente invocaria a morte, pois o que ainda me insuffla alentos para ir indo na vida, é instinctivamente acreditar que serão um dia esses *nucleos* que postos em communição uns com os outros, acudirão a salvar a tal nação nos nossos sonhos...

Como? Quando? Não o sabemos nós, não é verdade? mas com aquelle sebastianismo messianico que caracteriza os verdadeiros filhos d'eila, assim o suppomos e entrevemos...

Pelo que, soccorrendo-nos, por analogia, d'um dizer de Alfred Fouillée poderemos exclamar talvez:

«Se a divisa da sciencia perante o enigma das origens deve ser *Ignorabimus*, a divisa da moral perante o dos nossos destinos deve ser *Sperabimus*.»

Enganar-nos-hemos? Os tempos o dirão, mas vamos esperando, sim?

AFFONSO VARGAS.



D. Armãnda Dubini




Filha do saudoso maestro Dubini. o intelligente promotor e director artistico da «Sociedade Philharmonica do Porto» foilhe o berço emballado, e deslizarã-mhe os primeiros annos, em meio d'um largo ambiente musical, em que as suas qualidades naturaes e espontaneas fructificaram, como

em terreno proprio e adequado

Pianista das mais notaveis, consagrou se ha annos ao professorado, e adquiriu em breve a reputação de mestra tão solícita e diligente, quanto dotada d'esse *Quid indiscriptivel*, o da transmissão do proprio saber aos discipulos, que tantos, tantissimos musicos, e dos mais notaveis, não possuem jamais! Hoje, que a sua fama está radicada e estabelecida por modo inabalavel, D. Armãnda Dubini é uma das mais brilhantes glorias do professorado portuense.

São innumeras as discipulas que tem produzido, e que se orgulham de poder cital-a como professora, ou melhor, confidente dos segredos da mais bella das artes. Em cada uma d'ellas ficou contando uma amiga dedicada e reconhecida, pois que as qualidades do seu caracter são tão depuradas como se houvessem passado atravez do mais puro *crysol*.

COLLINE



Vianna da Motta e Moreira de Sá

Temos presentes jornaes e programmas de S. Paulo, correspondentes ao mez de julho passado, e aos concertos realizados n'aquella parte do Brazil pelos nossos dois grandes concertistas. Os programmas dizem respeito a quatro sessões de musica, em 7, 10, 15 e 20 de julho.


Avultou comtudo entre essas a do dia 10, consagrada exclusivamente a um concerto historico de piano, no qual o grande pianista portuguez Vianna da Motta, apresentou brilhantissimos specimens dos compositores francezes, italianos e allemães dos seculos 17 e 18, e de authores contemporaneos. allemães, inglez, polaco, norueguez e húngaros.

N'esse admiravel torneio de obras primas o publico tomou conhecimento successivamente com Couperin, Rameau, Daquin, Domingos Scarlatti, Haendel, Sebastião Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, Field, Chopin, Mendelssohn, Schumann, Grieg e Liszt. Pela simples enunciação d'esses nomes se pode calcular o interesse d'esta magna sessão de piano, e da extraordinaria interpretação de Vianna da Motta falam nos termos mais eloquentes e clamorosos os principaes jornaes paulistanos em artigos devidos ás mais abalisadas pennas da localidade.

A sessão de 20 foi consagrada á festa artistica de Moreira de Sá com o concurso de Vianna da Motta e de Madame Irene Vianna da Motta, cantora d'excellentes recursos vocaes e de elevada intuição artistica. O programma d'esta *matinée* era um verdadeiro escriptorio das mais formosas perolas musicas.

Devemos acrescentar ainda que Vianna da Motta persevera e prosegue ainda na sua *tournee* pelo Brazil, ao passo que Moreira de Sá, cremos que por motivos de saude delibrou regressar a Portugal sem demora, tendo aportado a Lisboa no *Clyde* em 6 do corrente agosto e seguindo n'esse mesmo dia para o Porto.

Folgamos que o publico da grande republica sul-americana, nossa irmã pela raça e pela lingua, recebesse condignamente os dois illustres e gloriosos representantes da Arte musical portugueza.



CHRONICA PORTUENSE

Esta desoladora falta de movimento artistico que estamos supportando não nos offerece um assumpto local que possa revestir o menor interesse para os leitores d'esta revista. A população não pensa actualmente senão em excursões campestres, passeios nas praias e fugidas para as estancias thermaes, na procura do allivio desejado aos males, com que a inconstancia do clima e as fadigas do trabalho vão empobrecendo o organismo d'estes bons portuenses, outr'ora tão ricos de compleição robusta e hoje decorados ou dizimados pela anemia, pela tuberculose e por quantas doencas antigas e modernas teem a força de nos pôr em perigo, a todo o momento, o debil fio da existencia.

Comtudo, a emigração para as praias e aguas deu-se este anno em muito menor numero que nos annos anteriores. Uns attribuem isso á falta de calor que até agora se tem feito sentir; outros querem que o desanimador espectáculo que offerecem as praias proximas do Porto seja devido á prohibição do jogo. E' muito possivel que qualquer d'aquellas causas explique a pequena affluencia de banhistas, ou mesmo que sejam as duas, conjuntamente, que levaram as praias tão pittorescas como animadas da Foz, Mathosinhos e Leça ao triste aspecto que actualmente offerecem.

Todas as tres praias teem o seu club, que nas outras epocas já por este tempo estavam funcçãoando, proporcionando aos socios *soirées* e concertos semanaes; este anno, porém, só o Club de Mathosinhos abriu ainda as suas portas, mas tão pacatamente e com tão modesta concorrência numerica de damas e cavalheiros, que nos leva a tremer pela decadencia da arte de Justino Soares e do sr. A. Lopes. Decididamente, se não ha quem queira ouvir musica, tambem já não ha quem queira dançar.

O Club da Foz, que se deu sempre ares de ser o mais aristocratico dos clubs de praias do norte, parece que por dissidencias com a proprietaria do predio onde estava installado ha muitos annos, resolveu mudar-se para o antigo *chalet* da estação de Cadouços, que pertence á Companhia Carris de Ferro. Começaram com toda a actividade as obras de adaptação do salão e annexos, as quaes não estarão concluidas antes de setembro, que é quando se fará a inauguração das *soirées* balneares. Quanto



ao Club de Leça, ignora-se por enquanto se abrirá este anno, por não haver até agora quem queira acceitar o encargo da direcção, considerada difficil e espinhosa para quem tem de organizar os concertos e outras diversões proprias.

Uma tristeza tudo isto, que pode até dar causa a uma grave diminuição na estatística dos casamentos e no *consumo* das romanzas de Tosti e Denza.

Ora d'antes, era para estes tres *clubs* que emigrava tambem a *musica*, durante os mezes da época balnear. Havia concertos todas as semanas, mas que concertos, santo Deus! Até os havia de tres peças, para não reduzir muito o numero das valsas e não aggravar a impaciencia irritante dos valistas. Meia hora para musica como appetitivo e quatro horas para as delicias da valsa e do *pas de quatre*. Depois, tudo de graça. Os *clubs* nunca teem dinheiro, por isso é absolutamente forçada a collaboração gratuita ainda mesmo que seja de artistas que não vivem senão de tocar. E se um pobre pianista tiver a velleidade de pedir um piano de concerto, ai d'elle que é exigente, que põe muito altos os seus merecimentos, etc. O piano das danças, ordinariamente um reles instrumento fanhoso, pequeno piano vertical, sem som, com pessimos pedaes e até muitas vezes desafinado, deve servir para tudo, para não acarretar despesas.

Quanto a peças, pedem-se descaradamente, ignorantemente, coisas leves, pequeninas, proprias de praia. para não cançar o valista intransigente, nem interromper por muito tempo as conversas, delicadeza escusada, porque nos nossos clubs de praias conversa-se mais animadamente... quando a musica começa.

N'um d'esses clubs, que não queremos citar, realisou se talvez ha dois annos. um concerto-aperitivo, com tres numeros. Creio que o programma abria por um numero de sextetto, seguindo se-lhe uma peça de canto por uma amadora qualquer e fechando pelo *Pizzicato* do Sr. Soller. Pois á porta do salão havia um grupo de valistas que protestava contra a organização... dos concertos *classicos* nas praias. Isto é absolutamente authentico. D'estes factos eu poderia narrar uma centena, todos d'um comico extraordinario, que dariam bem a medida do vergonhoso estado da musica nas nossas praias, e que tem affastado de concorrer aos concertos dos clubs os nossos melhores musicos e amadores. Só por excepção se ouviu uma peça de valor e bem executada. Nós estamos vendo que as praias do sul já teem nos seus clubs grupos de artistas de mais ou menos valor, fazendo notar já nos seus pro-

grammas um apreciavel progresso do melhor resultado educativo, mas tal revolução não chegou ainda até nós, embora não fosse difficil encontrar aqui artistas para formarem um quartetto ou sextetto, que tocasse com seriedade coisas de valor. E assim continuam os nossos profissionaes desempregados durante o verão, e os programmas das praias a serem confiados a mediocres amadores, que não podem educar ninguem pela necessidade de encontrar quem os eduque primeiro.

Os espectadores poderão continuar a dizer asneiras á sua vontade mas a arte é que não deve continuar a soffrer tão mau tratamento.

Se os clubs das praias não podem pagar a artistas de valor que proporcionem aos seus associados uma manifestação seria d'arte que os deleite e não afugente os que teem um ouvido delicado e um cerebro esclarecido, melhor seria que posessem de parte o luxo dos concertos nas condições em que os teem feito.

Isso não lhes ficaria mal por que = quem não tem dinheiro não tem vicios.

Porto, Agosto de 1902.

Ernesto Maia.



UM PENSAMENTO SYMPATHICO

A Nova Associação dos professores de orchestra de Madrid acaba de resolver, nos termos da circular que abaixo transcrevemos e que é firmada pelo presidente da junta directora, o nosso bem conhecido maestro D. Pedro Urrutia, que em varias epochas temos apreciado como director artistico no nosso theatro de S. Carlos — que se intentasse formar uma liga de todos os professores musicos dos dois paizes peninsulares.

Não queremos emittir o nosso voto pessoal ácerca das condições exequiveis ou viaveis do commettimento. Limitamo-nos a transcrever integralmente a circular, como gentilmente nos é pedido e como o merece a idéa inicial.

Eis os termos em que está redigida:

«A junta directora da Nova Associação dos professores de orchestra de Madrid tem a honra de levar ao conhecimento do professorado musico de Hespanha e Portugal, como se acha legalmente constituída, e de que tem o seu principal objectivo na dignificação quanto possivel do seu mysterio, ao

mesmo tempo que procura defender os interesses bem mal parados da profissão.

Sem embargo da modestia das suas aspirações contando com a resistencia aos seus bons intuitos, appellá para o cavalheirismo do restante professorado hespanhol e portuguez, esperando a sua valiosa cooperação.

N'este intuito deseja e espera estabelecer correspondencia e reciprocidade com todas as associações de indole identica, corporações artisticas, personalidades em evidencia, e em geral com todos os professores de musica que se dignem dispensar-lhe approvação e adhesão. Espera que cada um lhe transmitta noticia de qualquer factio anormal occorrido nas duas localidades, pois que a associação procurará na medida do seu esforço ajudal-os, dispensando-lhes todo o auxilio, não permittindo nunca que associado algum occupe determinado posto sem previo assentimento, nem possa servir de minimo estorvo e de modo que em toda a parte façam valer seus direitos.

«Esta associação, no intuito de assegurar melhor exercicio e desenvolvimento, divide-se em varias secções (ou classes de instrumentos), as quaes terão regulamentos exclusivos, tendo comtudo um regulamento geral desde já approvedo pela auctoridade civil, e está ao dispôr de todos os srs. professores de musica, na sua séde social, *Cos-tanilla de los Angeles, 3, bajo dr^a*, para onde podem ser dirigidas quaesquer consultas, em geral ou particular, á consignação do Secretario geral.»

Ahi deixamos a traducção da circular na sua integra, persuadidos de que o seu assumpto será devidamente ponderado pela numerosa classe dos professores de orchestra portuguezes.

Seja qual fôr o seu resultado, innegavelmente o seu pensamento é grandioso e digno de encontrar boa acolhida.



Do paiz

Inauguramos hoje esta secção, dando aos nossos leitores uma grata noticia. No decurso da proxima epoca d'inverno teremos ensejo de ouvir o eximio e reputado pianista francez Raoul Pugno, hoje uma das primeiras celebridades pianisticas da França e do mundo lyrico.

O celebre concertista dará dois concertos em Lisboa, alem d'uma sessão offerecida á «Escola de Musica de Camara», provan-

do assim a consideração que lhe merece esse benemerito nucleo artistico, que com tão bizarro desinteresse trabalha afervoradamente pelo desenvolvimento e progresso musical da nossa terra. Podemos mesmo acrescentar desde já, que a vinda a Portugal de Raoul Pugno, será mais um relevante serviço que a musica em Portugal fica devendo á illustrada iniciativa da «Escola».

Foi-nos dado ouvir na passada terça-feira, 12, um joven violinista Angel Blanco que conjunctamente com o pianista D Cristobal Garcia de las Bayonas se apresentou nas salas da Real Academia de Amadores, para se fazer ouvir de alguns diletantes e socios d'aquelle sympathico instituto.

O novel violinista que não contará mais de 12 ou 13 annos possui já algumas qualidades solidas, afinação, rythmo regular e uma mão esquerda que muitos tocadores desejariam ter; outro tanto não diremos da mão d'arco, que é ainda muito dura e não lhe permite imprimir a devida elegancia e colorido a tudo o que toca.

Em summa, nos fragmentos que lhe ouvimos de sonatas de Händel, Beethoven e Rubinstein mostrou que não era... um menino prodigio, o que significa que ha-de ir longe, se continuar a trabalhar.

D. Cristobal sustentou a sua parte de piano, com segurança e energia.

Recebemos a visita do nosso bom amigo Joaquim Ferreira da Silva que se acha por algum tempo em Lisboa, recemvindo de Leipzig, onde está fazendo seu curso superior de violino.

Bem agradavel nos foi a distincção da sua visita que lhe agradecemos penhorados.

Os estudos de piano e outros do curso official, para o futuro anno lectivo, serão postos a concurso. Para o proximo anno subsistem temporariamente os que vigoravam. Tambem não consta ter havido resolução do Conselho musical acerca das peças escolhidas, porquanto julgou que ella pertencia exclusivamente aos respectivos professores.

A «Escola de Musica de Camara» vae lançar em breve na circulação um pequeno opusculo pormenorizando qual foi a sua acção já exercida e quaes os seus intuitos e ideaes. Essa publicação será abrilhantada com os retratos dos membros partici-

pantes, e não se destinando a qualquer intuito d'ordem commercial não entrará na venda, sendo particularmente destinada á imprensa e subscriptores.

Na nossa *Arte Musical* teremos occasião de transcrever parte da materia do mencionado opusculo.

Partiram para o Porto os maestros Nicolino Milano e Del-Negro, acompanhados de outros professores, em digressão artistica, que, oxalá, lhes seja tão fructuosa quanto gloriosa.

Foi escripturada para a proxima epoca do theatro de S. João, do Porto, a primadona Montanar.

Do Estrangeiro

Um pianista francez acaba de fazer um verdadeiro *tour de force*. Nada menos do que tocar sem interrupção os 24 estudos e 24 preludios de Chopin, com a mais brilhante execução, e sem manifestar o minimo cansasso ao terminar a tarefa!

Exemplo digno d'inspirar a generosidade dos nossos Cresus. Acaba de fallecer uma dama franceza Madame Lelong, que legou toda a sua fortuna, — 6 milhões de francos, ou mil e duzentos contos da nossa moeda — á Sociedade dos Professores de Musica de Paris.

Os direitos de autor, provenientes de theatros, cafés-concertos e salas de musica, renderam em França no anno findo a bonita somma de cerca de oitocentos contos de reis!

Na Capella Sixtina do Vaticano, dirigida pelo abbade Lourenço Perosi, de nomeada tão recente quanto generalisada, vae introduzir-se uma reforma radical. Nada menos que a substituição dos *castrati* ou sopranos á força, por meninos de côro da *Scola Cantorum*.

A *opera comique* de Charpentier, *Louise*, que tao grande exito tem obtido em Paris, foi representada no Theatro da Côte, de Munich, com grande successo.

O *comité* constituido em Paris a fim de recolher fundos para o monumento internacional em honra de Verdi, projectado em

Milão, convidou para seus presidentes de honra Mr. Leygues, ministro das Bellas Artes do gabinete francez, e o conde Tornielli, embaixador de Italia junto da Republica Franceza. Ambos acceitaram a honrosa presidencia.

Na *Opera Comique*, de Paris, cantar-se hão na futura epoca de 1902-903, as seguintes novidades: *Carmelite*, de Hahn; *Titania*, de Hue; *Reine Fiammeta*, de Xavier Leroux; *Aphrodite*, de Erlanger, e *Le Jongleur de Notre Dame*, de Massenet.

No parque Monceau, de Paris, vae brevemente ser inaugurado mais um monumento aos musicos francezes: é consagrado a Gounod e foi executado pelo escultor Mercié.



BIBLIOGRAPHIA

Recebemos o numero 4 da «Revista musical», interessante e bem redigida publicação do Porto, dirigida pelo sr. Miguel Alves. Como os precedentes, vem muito variado e curioso este ultimo numero.

*

Tambem recebemos o boletim mensal da casa editora portuense Mesquita Pimentel, n.º 8 do anno XXI, e correspondente a agosto corrente. Entre as obras annunciadas salientou-se-nos o Missal de Estevão Gonçalves, encadernação especial, feita em Paris, folhas douradas e fechos de prata, exemplar muito raro e que no catalogo tem o preço de 50\$000.

CORRIGENDA

No artigo necrológico do ultimo numero sahiram por lapso, e depois de havermos reconhecido o equivoco, as qualificações erradas das obras de Leopoldo Miguez *Parisina*, *Ave Libertas*, e *Prometheu*. Todas tres são poemas symphonicos, e os dois primeiros já se ouviram no Porto, em 1896 o primeiro, e em 1900 o segundo.

Devemos igualmente rectificar o nascimento de Miguez, que parece não se confirmar tivesse sido na cidade do Porto.

A ultima producção notavel do finado maestro foi a *opera Saldunes*, que com o mais ruidoso e afortunado successo se cantou o anno passado no *Theatro lyrico* do Rio de Janeiro.

Tudo faz avultar a enormidade da perda para a arte musical brasileira, do mallogado e talentoso compositor.